

questão, traz uma visão sobre o tema, o que é de grande importância na discussão e aprofundamento dessa realidade econômica e geográfica na medida em que vai permitir outras abordagens teórico-metodológicas que provavelmente não vão chegar às mesmas conclusões do autor deste livro.

*Marcos Kazuo MATUSHIMA<sup>2</sup>*

SINGER, Paul. *Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas*. São Paulo: Contexto, 1998, 2ª ed.

Nesta obra o autor estabelece uma relação de causa e efeito entre globalização e desemprego e aponta, numa análise cronológica, as mudanças capitalistas e suas consequências políticas, econômicas e sociais.

Torna-se necessário entender dentro dos estudos geográficos as transformações por que passa o capital, sua busca por mercado e sua tendência hegemônica, sendo assim o agente fundamental tanto pela dinâmica como pela mobilidade populacional.

A principal tendência a globalização é o norte apontado pelo capital desde fins do século XIX, período da Segunda Revolução Industrial, em que o expansionismo imperialista do capital buscava conquistar novas sociedades e matérias-primas, consolidar mercados e interferir na política econômica das sociedades.

Juntamente com o otimismo proveniente da grande acumulação de capital e da expansão de mercados, rivalizavam períodos de depressão que tiveram como resultados duas guerras mundiais.

Foi neste contexto de otimismo e depressão que a economia mundial viu-se necessitada de adotar medidas que controlassem as leis do *laissez-faire* colocando o Estado na esfera capitalista como sendo o agente controlador da economia.

Essa ideologia Keynesiana, de controle da economia a partir do Estado foi abandonada a partir do momento em que o mercado não se viu mais ameaçado por guerras ou grandes períodos de depressão. Não sendo mais necessárias medidas de controle sobre a economia, o capital novamente retoma a política de globalização econômica.

<sup>2</sup> Licenciado em Geografia pela UNIRP (Universidade de Rio Preto) e Mestrando em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente, SP. Bolsista FAPESP.

Durante a década de setenta a palavra globalização ecoa pelo mundo e chega ao Brasil pelos capitais estrangeiros que financiam o "milagre econômico".

O otimismo capitalista deste período provoca um grande êxodo rural e a troca do trabalho de economia familiar pelo assalariado. Assiste-se aos movimentos migratórios de regiões economicamente mais pobres para pólos industriais.

Esse período de euforia, de crescimento econômico e pleno emprego se contrapõe à década de 80, caracterizada pela estagnação econômica oriunda de políticas econômicas irresponsáveis.

Como se não bastasse, soma-se a esse fenômeno, nessa época, a introdução de novas tecnologias na produção visando aumentar a produtividade em função de baixos custos e a abertura da economia interna às importações. Essas duas novas situações colaboram com o aumento do desemprego.

Particularmente a Revolução Tecnológica criou uma nova concepção da palavra emprego, introduzindo especialização e competitividade no vocabulário da trabalhador.

Juntam-se ao exército de reserva industrial os desempregados da Revolução Tecnológica, essa grande massa de desempregados que reivindica trabalho ao mesmo tempo que colabora com a queda dos salários se sujeitando a qualquer tipo de contrato de trabalho.

A exclusão social, isto é, a existência do indivíduo destituído de todos os seus direitos de cidadão, acentuou-se logo após a adoção deste novo modelo de contrato de trabalho, originando a figura do prestador de serviço. Agora, o indivíduo não vende mais sua força-de-trabalho, mas passa a prestar serviços. Isto corresponde à isenção da empresa com qualquer gasto fiscal ligado ao trabalhador que, por sua vez, perde todos seus direitos trabalhistas conquistados ao longo do tempo. Enquanto contratado, contribui para a manutenção do sistema capitalista e ao final do contrato se submete a nova negociação ou é introduzido na camada dos excluídos socialmente.

Nessa reviravolta do sistema capitalista, nem a globalização, a revolução tecnológica ou a abertura econômica à importação tiveram tanto impacto social quanto a adoção deste novo modelo de contrato de trabalho.

A precarização do trabalho e a exclusão social estão intimamente ligadas com essa nova realidade, que tirou das mesas de discussões sindicatos e Estado, estreitando ainda mais a relação submissa entre empregado e empregador.

Diferentes correntes ideológicas lutam pela hegemonia de suas idéias: individualistas e estruturalistas apontam soluções distintas para se tratar do desemprego e exclusão social.

Os individualistas vislumbram a queda dos tributos fiscais cobrados pelo Estado sobre as empresas como sendo a solução justificando esses tributos que, ao invés de serem pagos ao Estado, reverteriam diretamente em empregos pelas mãos dos empresários. Dentro desta concepção existe uma lógica natural de mercado que se equilibra, não sendo necessário a intervenção de outro agente que não o próprio mercado.

Entre os estruturalistas, mesmo não havendo um consenso entre marxistas e keynesianos, ambos os grupos discursam sobre a necessidade de um controle econômico que regulamente o mercado, impedindo a concorrência predatória do capital.

A solução capitalista para o desemprego estaria no próprio indivíduo pois ele deve se especializar cada vez mais para se adequar às novas regras de competitividade. É preciso que fique bem claro, no entanto, que isso não seria uma solução; o máximo que ocorreria seria uma competição especializada por emprego, com grandes chances de colaborar para a queda dos salários.

A solução não-capitalista aponta para a formação de cooperativas, empresas trabalhando na periferia do mercado internacional, com leis que garantam sua sobrevivência utilizando a força-de-trabalho dos desempregados que, restituídos de seus direitos trabalhistas, seriam introduzidos novamente na sociedade.

*Luis Antonio de Carvalho CASTRO*<sup>3</sup>

SINGER, Paul. *Globalização e desemprego: diagnósticos e alternativas*. São Paulo: Contexto, 2ª edição, 1998.

Em sua obra, Singer coloca em questão o fato de que muitas pessoas estão desempregadas, mas ainda se diferenciam na medida em que alguns necessitam de ocupação e outras de emprego (assalariamento) numa relação de compra e venda. Para justificar esta afirmativa,, ele busca

<sup>3</sup> Aluno do segundo ano no Curso de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente. Bolsista CNPq e membro do GASPERR (Grupo Acadêmico Produção do Espaço e Redefinições Regionais).

embasamento nas próprias contradições do capitalismo a partir de temas polêmicos como globalização, precarização do trabalho e exclusão social.

No primeiro capítulo o autor mostra as políticas fiscais e monetárias do mercado de trabalho para impedir que a economia se aqueça em demasia, mantendo a margem ociosa da força de trabalho, pois se houver demanda por mercadorias esta é contida para que os preços não subam. Havendo concorrência intensificada as empresas são obrigadas a reduzir os custos, aumentando a produtividade do trabalho, reduzindo ao máximo a compra de força de trabalho, restando ao exército de reserva manter ou abaixar os salários.

Singer caracteriza a Terceira Revolução Industrial como causadora do desemprego tecnológico e também da descentralização do capital. Com isso, muitas empresas estão sendo coagidas pela pressão da concorrência, sejam elas empresas horizontais ou verticalmente integradas; no último caso, este tipo de empresa é o que mais sofre com o processo de terceirização.

No segundo capítulo, ele analisa a desindustrialização, a exclusão social e as políticas que as revestem na região metropolitana de São Paulo, mostrando seu intuito de analisar as mudanças ocorridas principalmente nos anos 80, de crise inflacionária, e nos anos 90. À crise que daí se origina soma-se a abertura do mercado brasileiro às importações e à globalização financeira. Estas mudanças afetaram São Paulo, porque esta metrópole, ao contrário das demais, constitui-se num grande centro industrial.

A precarização das relações de trabalho e a contração do assalariamento são algumas das mudanças ocorridas nos últimos vinte anos. A substituição do emprego formal, ou seja, com registro do contrato de trabalho na carteira de trabalho, por emprego informal juntamente com a crescente pressão do desemprego são fatores relevantes nesta substituição até mesmo porque há empresas prestadoras de serviços que se utilizam desse tipo de mão-de-obra barata.

Assim, estes fatores operando em conjunto acarretam uma ampla mudança no mercado de trabalho de forma que há uma degradação do nível de renda, explicada pela desindustrialização, provocada pelo aumento da concorrência e pela abertura do mercado interno. O autor deixa como uma alternativa de melhora, para reverter o esvaziamento dos centros industriais no país, contar com iniciativas de governos municipais em parceria com a sociedade civil.

No capítulo seguinte o assunto é a exclusão social sob duas óticas: o individualismo e o estruturalismo. O individualismo refere-se aos liberais clássicos, na sua origem e que hoje são chamados de neoliberais. Os estruturalistas se subdividem nas visões keynesiana e marxista.

Keynes sustentava que o nível de emprego é determinado pela demanda agregada. Marx já distingue exploração de exclusão, como ele mesmo disse: "*Pior do que ser explorado pelo capital é não ser explorado por ele, quer dizer, estar excluído do mercado de trabalho*".

No capítulo quatro, Singer faz referência à desigualdade e à exclusão social no Brasil, um país altamente desigual, seja pela disparidade entre ricos e pobres, brancos e não-brancos, homem e mulher, moradores do campo e da cidade, indivíduos de alta e de baixa escolaridade. Todos estão envolvidos na situação brasileira com todas as mudanças vigentes, passando por um processo de reorganização que muitas vezes não solucionam praticamente nada. Mas esta informalidade tem origem no cumprimento da legislação trabalhista que foi sensivelmente debilitado ao longo dos anos pelas crises inflacionárias que solaparam todas as funções do Estado, tendo como resultado o crescimento da sonegação fiscal e da informalidade nas relações de trabalho.

Uma solução não-capitalista para o desemprego é o tema do próximo capítulo, a qual consiste em fundar uma cooperativa de produção e consumo, fazendo uma moeda própria de maneira que a pequena empresa criada por ex-desempregados estaria competindo com outras da mesma origem. Assim, as demais empresa não poderiam comprar as mercadorias. Mas o problema destas novas formas de centralização de capital é que elas são tão excludentes como as que as procederam.

O autor encerra o livro abordando uma economia solidária: geração de renda e alternativas ao liberalismo, propondo que a geração de postos de trabalho no capitalismo contemporâneo deve-se basicamente a três acumuladores: ao Estado, ao Capital e ao Autônomo, prevalecendo na economia global o grande capital que domina a grande indústria, a grande agricultura e as finanças, entre outras.

Mesmo assim, como o capitalismo vem passando por amplas mudanças nas relações de produção, desencadeadas pela desindustrialização e pelo desassalariamento, a grande empresa capitalista se vê mergulhada em mercados globalizados e deles defende-se pela reestruturação na produção.

*Patrícia Monteiro da SILVA<sup>4</sup>*

---

<sup>4</sup> Aluna do terceiro ano do Curso de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (UNESP) campus de Presidente Prudente e membro do GASPERR (Grupo Acadêmico Produção do Espaço e Redefinições Regionais). Bolsista CNPq.